

João Batista do Carmo Silva

Organizador

UNIVERSIDADE, FORMAÇÃO E TRABALHO

**implicações do isolamento social na rotina
dos(as) estudantes do curso de Pedagogia**



Pantanal Editora

2020

JOÃO BATISTA DO CARMO SILVA
(Organizador)

UNIVERSIDADE, FORMAÇÃO E TRABALHO

implicações do isolamento social na rotina
dos(as) estudantes do curso de Pedagogia



Pantanal Editora

2020

Copyright© Pantanal Editora
Copyright do Texto© 2020 Os Autores
Copyright da Edição© 2020 Pantanal Editora
Editor Chefe: Prof. Dr. Alan Mario Zuffo
Editores Executivos: Prof. Dr. Jorge González Aguilera
Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

Diagramação: A editora
Edição de Arte: A editora e Canva.com
Revisão: Os autor(es), organizador(es) e a editora

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – OAB/PB
- Profa. Msc. Adriana Flávia Neu – Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
- Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – IF SUDESTE MG
- Profa. Msc. Aris Verdecia Peña – Facultad de Medicina (Cuba)
- Profa. Arisleidis Chapman Verdecia – ISCM (Cuba)
- Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo - UEA
- Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu – UNEMAT
- Prof. Dr. Carlos Nick – UFV
- Prof. Dr. Claudio Silveira Maia – AJES
- Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – UFGD
- Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva – UEMS
- Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos – IFPA
- Prof. Msc. David Chacon Alvarez – UNICENTRO
- Prof. Dr. Denis Silva Nogueira – IFMT
- Profa. Dra. Denise Silva Nogueira – UFMG
- Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão – URCA
- Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves – ISEPAM-FAETEC
- Prof. Dr. Fábio Steiner – UEMS
- Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez (Colômbia)
- Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles – UNAM (Peru)
- Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira – IFRR
- Prof. Msc. Javier Revilla Armesto – UCG (México)
- Prof. Msc. João Camilo Sevilla – Mun. Rio de Janeiro
- Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales – UNMSM (Peru)
- Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski – UFMT
- Prof. Msc. Lucas R. Oliveira – Mun. de Chap. do Sul
- Prof. Dr. Leandris ArgenteL-Martínez – ITSON (México)
- Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan – Consultório em Santa Maria
- Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior – UEG
- Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla – UNAM (Peru)
- Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira – SEDUC/PA
- Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira – IFPA
- Profa. Msc. Queila Pahim da Silva – IFB
- Prof. Dr. Rafael Chapman Auty – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke – UFMS
- Prof. Dr. Raphael Reis da Silva – UFPI
- Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo – UEMA
- Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca – UFPI

- Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira – FURG
- Profa. Dra. Yilan Fung Boix – UO (Cuba)
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Esp. Camila Alves Pereira
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
U58	<p>Universidade, formação e trabalho [recurso eletrônico] : implicações do isolamento social na rotina dos (as) estudantes do curso de pedagogia / Organizador João Batista do Carmo Silva. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2020. 111p.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-88319-07-9 DOI https://doi.org/10.46420/9786588319079</p> <p>1. Educação. 2. Universidade. 3. Isolamento social. 4. Pandemia. I. Silva, João Batista do Carmo.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.1</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo dos e-books e capítulos, seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do(s) autor (es) e não representam necessariamente a opinião da Pantanal Editora. Os e-books e/ou capítulos foram previamente submetidos à avaliação pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação. O download e o compartilhamento das obras são permitidos desde que sejam citadas devidamente, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais, exceto se houver autorização por escrito dos autores de cada capítulo ou e-book com a anuência dos editores da Pantanal Editora.

Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.
 Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.
 Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra socializa um conjunto de reflexões sobre as implicações do isolamento social derivado da crise de saúde pública provocada pela pandemia do novo coronavírus na vida universitária dos (as) estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, da Universidade Federal do Pará.

Trata-se de uma investigação desenvolvida coletivamente por um grupo de pesquisadores, constituído por professores (as) e discentes, que reflete acerca do desafio de fazer pesquisa, no presente contexto, sobre o perfil socioeconômico dos (as) estudantes, sobre a função social da universidade, sobre as ações estatais e as políticas públicas implementadas para enfrentamento da pandemia, sobre as implicações no trabalho e na renda, assim como sobre as implicações para o processo formativo desses (as) discentes.

O leitor vai encontrar nesta obra a socialização de um conjunto de reflexões, subsidiadas a partir de um banco de dados produzido por meio de questionário eletrônico aplicado a 178 estudantes do Curso de Pedagogia, além de ponderação fundamentada em autores de base crítica, defensores de uma concepção de educação ampla e humanizadora.

A pandemia explicitou as profundas contradições que estruturam o modo de produção capitalista, principalmente nos países inseridos no contexto de exploração, como é o caso específico do Brasil. Além disso, a pandemia desafia em todos os sentidos, seja do ponto de vista individual e coletivo, atingindo de forma mundial as populações, as instituições e as pessoas. Contudo, as proporções desses impactos foram diferenciadas, considerando as condições econômicas, sociais e culturais de cada indivíduo, ou coletivas. Esta obra demonstra, portanto, essas implicações sobre um coletivo de sujeitos formado por estudantes do Curso de Pedagogia de uma universidade pública.

Vive-se tempos de incertezas, onde a produção do conhecimento por meio da pesquisa pode ajudar a construir caminhos coletivos, para que se possa pensar alternativas para a transformações das práticas formativas, no sentido de que elas, por meio de um processo praxiológico, oriente no sentido de uma sociedade cada vez mais humanizadora.

Desejamos boa leitura a tod@s!!!

João Batista do Carmo Silva

SUMÁRIO

Apresentação	5
Capítulo I	6
Universidade e pesquisa: Os desafios teórico-metodológicos da investigação	6
Capítulo II	17
O perfil socioeconômico dos estudantes do curso de pedagogia da UFPA/CAMETÁ.....	17
Capítulo III	34
Função social da universidade no interior da Amazônia em tempos de pandemia	34
Capítulo IV	51
Estado, políticas públicas e suas implicações na saúde e na vida dos (as) estudantes da pedagogia.....	51
Capítulo V	71
Implicações do isolamento no trabalho e renda: analisando a exclusão dos trabalhadores e as contradições do capital.....	71
Capítulo VI	88
Implicações do isolamento social no processo formativo em tempos de pandemia	88
Sobre os Autores	105
Índice Remissivo	110

CAPÍTULO III

Função social da universidade no interior da Amazônia em tempos de pandemia

Recebido em: 10/08/2020

Aceito em: 18/08/2020

 10.46420/9786588319079cap3

João Batista do Carmo Silva¹ 

Bruno Henrique Silva da Silva² 

Cheliane Estumano Gaia³ 

Ruth Lisboa Pantoja⁴ 

Doriedson Rodrigues⁵ 

INTRODUÇÃO

A concepção de universidade como instituição produtora de ciência e tecnologia, defensora da universalidade do conhecimento e da liberdade, pautada na gratuidade e na qualidade social perpassa todo o histórico das instituições de ensino superior, assim como o histórico dos sujeitos que nela entram e atuam.

A universidade pública construída nesta região se metamorfoseou em instituição diversa daquelas existentes nos grandes centros urbanos ou em polos desenvolvidos do capital. Aqui, constituiu-se em instrumento de luta pelo desenvolvimento regional, por meio do ensino, da pesquisa e da extensão e, concomitantemente, da formação profissional dos sujeitos da região.

A Universidade Federal do Pará, por meio do Campus Universitário do Tocantins – Cameté e dos seus quatro polos universitários, localizados nos municípios de Mocajuba, Baião, Limoeiro do Ajuru e de Oeiras do Pará, articulou-se com a dinâmica social, econômica, cultural, educacional e política desta região.

Nesse sentido, o universo acadêmico em sua amplitude de formação dialoga com as concepções políticas, culturais e sociais de onde estão inseridas. Os polos universitários vêm se configurando em

¹ Doutor em Educação. Docente da Faculdade de Educação do Campus Universitário do Tocantins/Cameté, da Universidade Federal do Pará. E-mail: jbatista@ufpa.br.

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. E-mail: brunopedagogia17@gmail.com.

³ Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. E-mail: shelianegaia@gmail.com.

⁴ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará. E-mail: ruthlisboa@gmail.com.

⁵ Doutor em Educação. Docente da Faculdade de Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cameté, da Universidade Federal do Pará. E-mail: doriedson@ufpa.br.

ambientes múltiplos de formação que condizem com a realidade dos que vivenciam tais espaços. Observa-se, portanto, que os estudantes do Curso de Pedagogia do Campus de Cametá vêm de regiões diversas e de contextos diferenciados, proporcionando uma troca de informação que gera formação.

O movimento realizado pela universidade, em seu tripé de ensino, pesquisa e extensão, possibilita que seus estudantes possam interagir, agir e refletir sobre a sua formação acadêmica e social.

Este capítulo apresenta uma análise das implicações da impossibilidade da convivência cotidiana acadêmica presencial na universidade, no âmbito da rotina dos discentes das turmas de pedagogia. Compreende-se que a função social da universidade busca produzir e socializar conhecimentos, desenvolver ciência e tecnologia, além de potencializar o desenvolvimento econômico, social, cultural e educacional.

Os dados da presente pesquisa possibilitam a compreensão da função social da universidade, as concepções de universidade para cada um dos sujeitos, além de análises sobre os impactos da pandemia na vivência dos sujeitos em relação à ambiência nas universidades, e como isso vem afetando os sujeitos desta pesquisa. Analisa-se, ainda, o processo de interiorização que vem expandindo a universidade para além dos seus muros, no que tange ao seu processo formativo.

Considera-se que os efeitos nos estudantes são múltiplos, com relação ao atual cenário pandêmico, e que alguns sentem de formas mais diretas essas implicações, além do que o afastamento da universidade em si fragiliza o processo formativo dos sujeitos, considerando a sua formação inicial presencial. A investigação da realidade faz-se necessária, tendo em vista a necessidade de compreensão dos impactos da pandemia nas vidas dos estudantes do Curso de Pedagogia do Campus Universitário do Tocantins.

Reflexão sobre a função da universidade na interiorização

A UFPA é uma das maiores IES do Brasil. Instituição de grande relevância para o cenário amazônico, ela se destaca pela sua dinâmica de interiorização, sendo capaz de dialogar com todo o estado do Pará por meio de seus *Campi*. No contexto da Educação Superior Paraense, a interiorização representa o único processo capaz de materializar a garantia do direito à educação superior a uma parcela significativa da população brasileira.

A interiorização da UFPA possibilitou o acesso ao ensino superior para milhares de jovens paraenses, dando condições de ingressarem em uma IES pública mais próximos das suas residências, superando a impossibilidade do deslocamento para os grandes centros urbanos.

Mesmo diante da necessidade de formação de professores em nossa região, houve um progresso considerável, ao que a política de interiorização da UFPA desempenha um papel decisivo na eliminação da figura de professores leigos nas áreas rurais e ribeirinhas. Segundo Coelho (2018),

A formação desenvolvida no projeto de interiorização da UFPA ocupou espaço porque a universidade ganhou credibilidade da população e passou a ser defendida como legado, um bom resultado para a comunidade local, assim como quando o campus de Cametá estava à beira da extinção (Coelho, 2008).

Coelho (2008) afirma que a credibilidade da sociedade civil, pelo projeto de interiorização realizado em Cametá é fruto de um fator importante à gestão e ao desenvolvimento do currículo das licenciaturas ofertadas no município, no sentido de que os docentes atuem visando à formação de um educador consciente do seu papel social na Amazônia, não só enquanto questionador da política educacional tradicional na qual foi formado, mas como produtor de trabalhos acadêmicos (como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) voltados a diagnosticar e desnudar as mazelas sociais e o dano ambiental produzidos na região.

Analisar as perspectivas da interiorização das universidades na Amazônia Tocantina é extremamente necessário, uma vez que foi por meio desse importante processo que inúmeros sujeitos localizados nos municípios e nas proximidades puderam e podem ter acesso ao ensino superior. Foi esse procedimento que possibilitou, aqui, a análise das contribuições da interiorização para o processo formativo, pois sem esses meios muitos dos docentes e discentes que ocupam hoje os espaços das instituições não teriam “feito” universidade, se não houvesse universidade implantada nesses locais, o que reflete nos inúmeros pais de estudantes que não conseguiram cursar o ensino superior por falta de condições. Hoje, com a expansão dessa possibilidade, muitos filhos e filhas de trabalhadores estão inseridos nessa dinâmica universitária, podendo, a partir da formação recebida, lutar por melhores condições de vida para si e para suas comunidades.

A universidade, no processo de expansão multicampi, gera possibilidades de estar mais próxima da realidade dos sujeitos e de intervenção nas comunidades locais. Essa concepção de universidade demonstra que a sua função social dialoga com os cursos ofertados conforme a região e suas demandas. Coelho (2008) afirma que “a demanda pelo ensino superior é crescente, sobretudo, no interior, onde ainda persiste o baixo índice de recursos humanos qualificados e um quadro significativo de professores leigos” (Coelho, 2008). Assim, através da oferta de cursos de níveis de graduação, atendendo partes das demandas locais, os acadêmicos vivem a universidade de maneiras diversas e intensas, como destaca o discente 135: “*a minha rotina era a Universidade, a UFPA era a minha segunda casa, eu passava o dia todo praticamente no Campus então a minha rotina foi grandemente afetada[...]*”.

Coelho (2008) afirma que a interiorização das licenciaturas na região Tocantina é uma política pública de grande relevância socioeconômica. A interpretação dessa afirmação baseia-se no reflexo do que pode ser chamado de público nas ações formuladas pela UFPA, enfatizando que os graduados são um elo importante entre a universidade e a sociedade. Esses elos entre os sujeitos e a instituição e entre a instituição e a sociedade que os constituiu materializam uma série de estratégias de planejamento.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a UFPA buscar cumprir com seus objetivos institucionais de planejamento que potencializam os seus diálogos com os problemas sociais da região na qual está inserida.

Essas ideias se repetem no PDI em vigência na UFPA, quando afirmado que ele identifica a Instituição, pois nele está registrada a sua filosofia de trabalho, a sua missão proposta, as diretrizes pedagógicas que orientam as suas ações, a estrutura organizacional para o seu funcionamento, as atividades acadêmicas que desenvolve e o que pretende desenvolver, a fim de cumprir a sua missão de produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia para a formação de cidadãos capazes de promover a construção de uma sociedade sustentável (PDI-2016-2020, 2017).

O atual PDI (2016-2025) aperfeiçoa e afirma que a Missão da UFPA é “produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia para a formação de cidadãos capazes de promover a construção de uma sociedade inclusiva e sustentável” (PDI, 2016-2025). Essa missão sintetiza os elementos estruturantes da função social da UFPA nessa região.

A elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), além de cumprir o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, estabelecido pelo governo federal, é também uma ferramenta fundamental para a Administração Superior, que considera o Plano um instrumento de gestão elaborado para um período de 10 (dez) anos.

Tendo como finalidade atingir a sua missão, adota os seguintes princípios (PDI, 2016-2025):1. A universalização do conhecimento; 2. O respeito à ética e à diversidade étnica, cultural, biológica, de gênero e de orientação sexual; 3. O pluralismo de ideias e de pensamento; 4. O ensino público e gratuito; 5. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; 6. A flexibilidade de métodos, critérios e procedimentos acadêmicos; 7. A excelência acadêmica; 8. A defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente.

Por fim, o Plano retrata o resultado de um trabalho coletivo, construído a partir de um processo que envolveu toda a comunidade universitária. O Plano é oferecido à comunidade universitária e à sociedade como parte do esforço de implementar uma gestão estratégica, condizente com os desafios contemporâneos. Sua elaboração tem como objetivo principal fornecer direcionamento comum a ser seguido por toda a instituição, identificando responsabilidades, garantindo alinhamento e oferecendo

meios para medição do sucesso da estratégia de modo focado, visando ao alcance dos objetivos institucionais e à maximização dos resultados.

Para que a implementação do Plano seja bem-sucedida, é fundamental o envolvimento da Administração Superior, dos gestores, dos servidores e demais colaboradores, a fim de estruturar um processo de implementação participativa, bem como promover o alinhamento em relação à estratégia e reforçar o comprometimento com os resultados (PDI, 2016-2025).

O Campus de Cametá e sua inserção regional

O Plano de Desenvolvimento da Unidade (PDU) do Campus Universitário do Tocantins – Cametá, para o período de 2017-2020, constitui-se como uma proposta construída coletivamente para orientar as ações dessa Unidade Acadêmica Regional da UFPA, com o objetivo claro de levantar proposições aos problemas e demandas provenientes da comunidade universitária e da sociedade civil.

Do mesmo modo, apresenta também a preocupação com o alinhamento às diretrizes do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2016-2025, da Universidade Federal do Pará, motivo pelo qual a ação fundamental se refere à adequação das ações táticas, com vistas ao alcance dos objetivos institucionais da Universidade Federal do Pará. Nesse sentido, mantêm-se os princípios institucionais, acrescentando-se outros, discutidos amplamente e aprovados pela comunidade acadêmica.

O PDU (2017-2020) trata-se de uma ação que rompe com a visão fragmentada das organizações e funcionamento das Subunidades e demais setores que compõem o Campus Universitário de Cametá, cuja intenção é introduzir processos novos de gestão colegiada, alicerçada em uma cultura de planejamento e avaliação contínua das ações, a qual considera a participação democrática e o diálogo com todos os setores sociais (movimentos sociais, secretarias de educação, prefeituras, governo estadual e outros) e segmentos da universidade (docentes, discente, técnico-administrativos e serviços de terceiros) fundamentais para o êxito das ações.

É importante citar que o presente PDU 2017-2020 é um plano moderno no que diz respeito à Administração Pública, com vistas a buscar um modelo gerencial mais ágil e que seja capaz de apresentar respostas às mudanças externas e internas.

A missão do Campus Universitário de Cametá é “produzir, socializar e transformar o conhecimento na Amazônia Tocantina para a formação de cidadãos capazes de promover uma sociedade sustentável e igualitária”. Assim, os propósitos do PDU do Campus de Cametá são definir e comunicar, de modo claro e transparente, a todos os níveis, a forma como as ações impactam no alcance dos resultados desejados.

O PDU do Campus Universitário de Cametá procura seguir os princípios adotados pela Universidade Federal do Pará, acrescentando outros que devem nortear o processo de gestão do Campus, assim descritos: a universalização do conhecimento; o respeito à ética e à diversidade étnica, cultural e biológico; o pluralismo de ideias e de pensamento; o ensino público e gratuito; a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a flexibilidade de métodos, critérios e procedimentos acadêmicos; a excelência acadêmica; a defesa dos direitos humanos e a preservação do meio ambiente; autonomia político-administrativa; a responsabilidade social; a qualidade na prestação dos serviços de ensino público; assegurar uma excelência em gestão e a qualidade dos processos; a parceria interinstitucional; gestão participativa; assegurar a valorização do servidor (PDU 2017-2020).

O processo de interiorização do Baixo Tocantins, a começar pelo município de Cametá, foi um importante marco para a expansão e interiorização dos cursos (primeiramente aqueles de licenciatura). Antes desse processo, os sujeitos do Baixo Tocantins não usufruíam dessa possibilidade. Foi a partir das constantes idas e vindas que a expansão do ensino superior para as localidades interioranas começou a se ampliar. Inicialmente, de acordo com Coelho (2008), a política de interiorização foi viabilizada por intermédio de convênios entre as diversas entidades como prefeitura, governadores, dentre outros meios utilizados para se fazer efetivar tais propostas. No entanto, tais medidas tinham as suas fragilidades, e foi pensando em superá-las que se foi ganhando autonomia, criticidade e credibilidade na sociedade, ampliando, assim, não somente a sua estrutura, mas também a possibilidade de mais cursos de ensino superior e a garantia de que muito mais sujeitos estivessem inseridos, ampliando a universidade para outras localidades da região Tocantina.

Com isso, compreende-se o importante papel da interiorização da universidade nos municípios do Pará como primeiro passo para se alcançar e se ampliar as oportunidades de formação científica e humanista dos seus envolvidos. Para além disso, a perspectiva da pesquisa, ensino e extensão tem um diálogo muito forte com a sociedade, os polos e as comunidades locais.

Entrelaçar a “função social da universidade por meio do ensino, pesquisa e extensão possibilita imprimir uma nova face à universidade brasileira, fazendo-a capaz de promover mudança na sociedade” (Coelho, 2008). Demonstra-se, assim, o compromisso social de uma instituição preocupada com inserção dos jovens nos cursos de graduação, pois como o processo de lutas por melhorias, qualidade e igualdade no processo formativo é sempre constante, o objetivo é fazer com que jovens e adultos estejam cada vez mais inseridos no ensino superior.

A presença do estudante de origem popular/ribeirinho/quilombola, dentre outros, nas instituições de ensino superior é um componente importante do projeto de interiorização, o que o caracteriza como política pública de inserção dos menos favorecidos. Pois, como ressalta Coelho (2008),

referindo-se ao papel que a universidade passou a delegar desde os primórdios, esta teve a “primeira geração de universitários de origem popular”. Isso simbolizou um grande marco para as famílias, conforme destacado abaixo:

Para essas famílias o acesso de um filho a uma universidade federal era uma utopia, afirma-se utopia por que a história de luta dos excluídos em especial os do campo, sempre esteve presente a educação e a construção de escola no conjunto de suas reivindicações, ou seja, um projeto que na luta social era perseguido constantemente. A presença física da UFPA significa um projeto de educação que se tornou realidade. Para um camponês ou ribeirinho do rio Tocantins ter um filho formado na UFPA representa não só melhoria das condições de vida e ascensão intelectual, significa também a vitória, o triunfo daquele que, desde o nascimento, remou contra a correnteza do rio da vida, dos obstáculos como o imenso funil chamado vestibular que, desde a inscrição, exclui qualquer pobre do acesso à universidade (Coelho, 2008).

Diante do exposto, nota-se o importante papel da universidade frente às mazelas e lacunas ocasionadas pelas imensas desigualdades existentes, e como o seu existir é fundamental para contribuir cada vez mais na busca de direitos aos povos que, por muito tempo, se encontraram marginalizados e desprovidos de direitos. A presença de filhos e filhas de trabalhadores nos meios universitários significa muito mais que inserção, significa a conquista de uma luta de muitos, pois a dinâmica das regiões próximas às instituições são peculiares, constituindo, em sua maioria, ilhas denominadas de “interiores”, as quais apresentam certas características que dificultam o processo de aprendizagem, como relata o estudante 140, ou seja, que as relações da universidade e sua dinâmica com a pandemia “*gerou muitas dificuldades pra eu estudar, pois com o início da pandemia tive que voltar pro interior, onde tenho bem pouco acesso à internet*”.

Vale destacar que esse modelo de universidade pública com uma inserção regional efetiva, que potencializa a sua função social para as populações locais enfrenta muitas dificuldades para ser implementado, devido aos diversos ataques ideológicos e cortes financeiros por parte do governo federal.

Nesse contexto, pensar a universidade na perspectiva da interiorização, relacionado com o contexto atual, torna-se essencial, uma vez que a ausência da ambiência acadêmica ocasiona impactos negativos na vida desses sujeitos, tanto naqueles inseridos quanto nos que ficam de fora desse processo, visto que, ao mesmo tempo em que essa ausência afeta esses estudantes, também afeta os sujeitos sociais que se beneficiam dos diversos meios desenvolvidos nessas instituições.

A função social da política de formação de professores da interiorização

A Universidade Federal do Pará, em seu aspecto geral, e a Faculdade de Educação, em sua especificidade, assumem como princípio norteador a formação de profissionais competentes e críticos, em especial para a área da educação. Assim, o *locus* de formação deve constituir-se em um lugar de

questionamento e investigação científica em todos os domínios dos conhecimentos/saberes, no seio do qual se discuta a cultura e se projete os rumos da cultura nacional dirigida não apenas a uma classe, mas a todo cidadão.

Para isso, o *lôcus* formativo não poderia ser outro senão a universidade, visto que “a universidade é o espaço por excelência do questionamento, da dúvida, do pensamento, da razão, da busca sempre retomada do sentido e da gênese do real, bem como do repensar e recriar das ideias e práticas e da existência individual e coletiva” (Coelho, 1996). Ou seja, a formação do profissional da educação, no espaço da universidade, tem como princípio a inteligibilidade dos processos sociais, do desenvolvimento humano e dos processos socioculturais e antropológicos que garantem ao homem a condição de sua humanidade.

Segundo o PPC do curso de Pedagogia da FAED-Cametá suas práticas devem pautar-se nas seguintes perspectivas: a episteme formativa do profissional em pedagogia tem como alicerce fundamental a tríade docência-pesquisa-extensão. A definição da docência como base da identidade do pedagogo fundamenta-se na concepção de que é nas práxis (ensinar-pesquisar-extensão) do professor que se constroem as competências necessárias para a compreensão do trabalho pedagógico em todas as suas dimensões. A docência constitui, portanto, uma dimensão privilegiada do trabalho pedagógico, mas só o expressa na sua totalidade quando exercida em sua tríade indissociável.

Pode-se descartar a construção do Projeto Pedagógico de Curso da Pedagogia (PPC) por meio de debates com a comunidade acadêmica, cujos resultados deram base à sua criação e fundamentam-se para além das normas federais, nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação da Universidade Federal do Pará (Resolução – CONSEPE nº 3.186/04) e no Regulamento do Ensino de Graduação (Resolução – CONSEPE nº 3.633/08).

A organização curricular proposta no PPC busca orientar profissionais autônomos capazes de demonstrar sólida formação teórica, competência técnica, política e social, através dos seguintes princípios: integração da pesquisa e da extensão às atividades de ensino; articulação permanente de conhecimentos e saberes teóricos, com a aplicação em situações reais ou simuladas; adoção de múltiplas linguagens que permitam ao estudante a identificação e a compreensão do seu papel profissional e social; liberdade acadêmica e gestão curricular democrática e flexível, possibilitando a participação do estudante em múltiplas dimensões da vida universitária, cuja avaliação é o elemento constitutivo e orientador do processo ensino-aprendizagem com estratégias e instrumentos avaliativos diversificados.

É essa formação inicial que requer um saber acadêmico capaz de habilitar o estudante para o exercício profissional, onde, além do exercício de sua formação docente, disponha de capacidade para perceber seus limites, tendo a humildade para reconhecer que o conhecimento é inacabado.

Essa concepção está presente na versão atual do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FAED) do Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS)– Cametá, fundamenta-se na concepção de formação humana, obedecendo ao que prevê o Regimento do Ensino de Graduação e as Diretrizes Curriculares da UFPA.

Nesse sentido, a formação por área de conhecimento na pedagogia, ao possibilitar a transgressão da racionalidade técnica e prática para a epistemologia das *práxis*, é no sentido de experimentar uma concepção formativa que vá além da docência, assim como pauta a transformação da escola.

A definição de pesquisador será construída na autenticidade, antidogmatismo, devolução sistemática, retroalimentação de intelectuais orgânicos, ritmo e equilíbrio entre ação e reflexão; finalmente, desenvolvimento de uma ciência modesta baseada em técnicas dialógicas. O investigador aparece, em tais processos, como um intelectual comprometido com os interesses do movimento popular, e a investigação-ação surge como espaço de participação social e método de ação política. Como uma forma renovada de fazer política e uma forma alternativa de fazer educação (Fals Borda in Gajardo, 1984).

Portanto, a premissa desse paradigma alternativo faz a pesquisa como parte integrante da formação dos profissionais da educação, vivenciada como prática política de educação, os quais devem admitir que nessas experiências é necessário promover o desenvolvimento humano, tentando contribuir como novas teorias, métodos e estratégias no campo da pesquisa social e da prática de ensino.

Pensar a função e a importância da ambiência acadêmica a partir de um elemento essencial, que são os sujeitos do processo, traz uma especificidade única, pois são eles que falam e relatam sobre os seus pontos de vista acerca do momento vivenciado. A partir da análise desta pesquisa, e a partir do papel da universidade, encontra-se, na fala do (a) estudante 110:

minha vida é a universidade, então ela afeta de uma forma muito agressiva, apesar de ter meu trabalho, mas minha maior dedicação é meu curso e ficar sem a minha vida acadêmica é ruim demais. Busco estudar como posso mas é muito difícil sem a dinâmica da universidade.

Partindo dessa premissa, compreende-se o espaço acadêmico institucionalizado não meramente como um meio de troca de informações, mais sim como uma instituição preocupada com a formação dos indivíduos que a viveram. Também, a partir da concepção dos estudantes, a sua ausência influencia no processo de construção de conhecimento. Dizer “*minha vida é a universidade*” leva a dimensões bem mais profundas acerca dos sentidos inalcançáveis do termo e dos impactos dessa ausência na vida dos indivíduos em todos os aspectos, principalmente no educativo. O que, enfim, leva a pensar que a universidade ocupa a grande parte do tempo desses estudantes e que ficar em casa tem sido desafiador frente às novas exigências.

A ausência da ambiência acadêmica presencial em tempos de pandemia

A ausência da ambiência acadêmica afeta a formação, como afirma o estudante 74: “*Deixa um vazio no cotidiano, principalmente pela interrupção imprevista das atividades no início do semestre letivo. Particularmente, sinto falta das orientações dos professores e da própria rotina de estudos*”. A interrupção das atividades presenciais, de forma repentina e sem um aviso prévio, pegou a todos de surpresa e, conseqüentemente, surpreendeu as demandas educacionais em todas as extensões da sociedade.

Diante das questões referentes à ausência presencial da universidade na vida dos sujeitos, constatou-se que 59,6 % dos estudantes, número este expressamente significativo, relata que a ausência da universidade impacta diretamente na sua cotidianidade.

No entanto, 7,3% desse montante ainda diz que a ausência das atividades presenciais não afetou em nada a sua dinâmica, dados esses confirmados pelo estudante 133, o qual menciona: “*Não afetou, a única coisa que mudou foi que sobrou mais tempo de disponibilidade*”.

Os estudantes 110 e 133 refletem diferentes concepções de universidade, no que se refere à materialização da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O primeiro vive a ambiência acadêmica na potencialidade da indissociabilidade na sua formação na universidade e o segundo, a fragmentação da vivência do ensino como síntese de sua vida na universidade.

Além dos dados acima, 26,4% se abstiveram dessa informação, não respondendo nem que sim nem que não, e 6,7% não responderam nada, conforme demonstra o Gráfico 1:

A ausência das atividades presenciais afetaram a sua dinâmica?

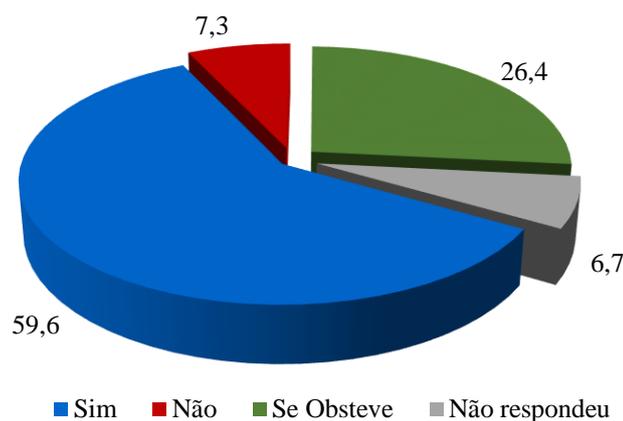


Gráfico 1. A ausência das atividades presenciais afetou a sua dinâmica. Fonte: Silva et al. (2020).

Dessa forma, a partir dos dados coletados, pode-se afirmar que, para uns, a ausência da universidade afetou diretamente as rotinas e atividades desenvolvidas, enquanto que, para outros, essa

mesma dinâmica não afetou as suas vidas. Precisa-se, assim, de uma análise cautelosa acerca dos fatores que influenciam essa questão.

As concepções de universidade vão se moldando conforme a vivência de cada um no espaço formativo. Segundo Chauí (2001), “significa que ela realiza e exprime de modo determinado a sociedade de que faz parte. Não é realidade separada e sim uma expressão historicamente determinada de uma sociedade determinada” (Chauí, 2001). O papel social da universidade se entrelaça por dentro das comunidades externas, indissociando o ensino, a pesquisa e a extensão.

A participação dos estudantes da vida da universidade, e vice-versa, se faz a partir de um movimento práxiológico, juntamente com outros discentes, com o corpo docente e com os demais agentes formadores presentes naquele espaço. A rotina universitária é corrida para os discentes do Campus de Cameté e dos demais polos de Mocajuba, Baião, Oeiras do Pará e Limoeiro do Ajuru. Durante a pandemia, a quebra de rotina gerou e vem gerando diversos conflitos na vida desses sujeitos, e a ausência da universidade revela as concepções de universidade diversas para cada um desses estudantes, no tocante ao seu processo de formação.

Pode-se compreender que o processo de acesso à instituição de ensino superior é desigual. Considerando as instituições públicas de educação básica, as classes menos favorecidas têm dificuldades nas provas de seleção para ingresso nas universidades. Considerando a inserção precoce do jovens no mercado de trabalho, o que demanda esforços para estudar e trabalhar ao mesmo tempo, enquanto os jovens de classes mais favorecidas dispõem de recursos para priorizar e financiar os seus estudos, ocorrem desigualdades que vêm gerando inquietações em agentes propulsores de uma educação com equidade, principalmente com o processo de interiorização das universidades, com os cursinho populares, as políticas de cotas, além de bolsas e auxílios nas atividades acadêmicas. Tendo em vista o cenário neoliberal, há um retrocesso com relação à educação por parte do governo, estipulando tetos para gastos, cortes de recursos nas pesquisas e ataque às universidades públicas, com um discurso de sucateamento das instituições. Segundo Chauí (2001),

A ilusão neoliberal e a ilusão dos atuais modernizadores da universidade consistem em supor que a esfera dos serviços e a do consumo são capazes de substituir a da produção, isto é, seriam capazes de crescimento indefinido e de incorporar toda sociedade, esquecendo-se de que as novas tecnologias e o novo modelo de acumulação não permitem tais resultados. Assim, propor uma universidade de serviços é prepará-la para o fechamento (Chauí, 2001).

A proposta neoliberal para as universidades se dá no mercado de trabalho, transformando a universidade em prestadora de serviços para o capital, na produção de mão de obra que não reflete a realidade e não contesta as ações governamentais, considerando o seu poder sobre a sociedade para o acúmulo de bens. De acordo com Silva (2016),

A universidade caminha em um contexto complexo de cumprir a sua função social de formação para o trabalho sem atender estreitamente às prerrogativas do “mercado de trabalho”, que busca subjugar a universidade ao pragmatismo e ao imediatismo em que o “fazer” está em detrimento do “saber”. Essas antitéticas perspectivas estão presentes nas ações dessa instituição (Silva, 2016).

As universidades se encontram em um momento delicado na política brasileira. Os cortes de verbas vêm gerando um agravante problema em relação a concepções de uma universidade de razão social. Silva (2016) conceitua a formação da universidade para a inserção de pessoas ao mundo do trabalho na produção da ciência e tecnologia para a transformação social, o que promove as ações formativas.

As produções científicas das academias, por meio de pesquisas que propõem melhoria para a sociedade, se dão na concepção de formação social por parte dos campi acadêmicos. A autonomia do pesquisador em procurar propostas de intervenção para uma determinada problemática possibilita uma formação livre, com caminhos necessários na produção do conhecimento científico e contribuição para a sociedade, isso somado à ambiência dos acadêmicos no espaço físico da universidade.

Diante disso, ao pensar a universidade e sua função social, é inerente refletir que a mesma já se constitui parte integrante da sociedade, e que sua fragmentação afeta, querendo ou não, a dinâmica escolar e cultural do processo formativo, uma vez que a ambiência acadêmica já faz parte da cotidianidade de cada indivíduo. Ao pensar na sua “interrupção”, não há como não relacionar com os impactos dessas ações nas rotinas dos envolvidos, ações essas explicitada na fala do estudante 51:

A ausência da vida acadêmica presencial afeta diretamente a minha rotina, em vista que, além de aluna do curso extensivo de pedagogia, também sou bolsista de extensão. Portanto, a maior parte do meu dia é na universidade, com a suspensão tento me adaptar à nova rotina, ficando somente em casa e dando continuidade nos estudos conforme me é possível.

Quando é explicitado, na fala dos estudantes, que os impactos ocasionadas pelo isolamento social afeta as suas vidas, fica visível entender a dinâmica desenvolvida pelos discentes dentro desse ambiente, ao que a sua ausência afeta gradualmente a rotina educativa, uma vez que cada estudante e cada lar possui especificidades próprias, o que em muitos casos impossibilita a viabilidade de desenvolver um processo formativo, visto que os recursos disponíveis não são suficientes para dar conta dessa demanda, precisando-se fazer adaptações, o que muitas vezes não é um processo simples, considerando a dinâmica estrutural e de recursos de cada um.

Cada espaço é pensado para que os discentes possam vivenciar a academia, com grupos de pesquisas, grupos extensionistas, eventos acadêmicos, como: colóquios, ciclos de palestras, seminários, entre outros eventos que extensionam a formação dos sujeitos. A própria organização do Projeto Político do Curso de Pedagogia tem especificidades para as modalidades dos polos, para os

regimes intensivo e extensivo e aos períodos matutino e noturno, cuja discussão será aprofundada mais à frente.

Pode-se identificar que a ausência da vida acadêmica vem afetando não só a formação acadêmica dos discentes, mas a sua vida como um todo, principalmente na quebra de rotina, como relata o estudante 10: *“Afeta de maneira drástica, pois a rotina já estava criada, de ver os professores e colegas todas as noites, e sem as aulas presenciais e as dinâmicas estão tornando a minha vida monótona, causando ansiedade e insônia.”* Pode-se notar consequências até mesmo para a saúde mental dos discentes, visto que o cenário pandêmico se soma à rotina, no tocante à preocupação com a sua saúde e a de seus familiares, com a provisão de renda e, ainda, com a sua formação.

Considerando que, por sua heterogeneidade, cada um sente os impactos da ausência da rotina universitária da sua maneira, uns mais e outros menos. Isso releva muito sobre as concepções de universidade que cada um assume, considerando as suas experiências de vida política, social e principalmente econômica. Há discentes que almejam a graduação para poder ter um bom emprego e, conseqüentemente, uma boa renda financeira. Em outros, há a concepção de poder se formar para atuar na sua localidade, comunidade e cidade, a fim de melhorar os aspectos educacionais dentro de fora da escola. Nesses casos, a pandemia, de certa forma, vem abrir espaço para identificar tais concepções.

No atual PDI, evidencia-se a presença de dois modelos de gestão, a saber, a democrática e a gerencial. Um aspecto que ocorre na gestão gerencial e é discutido na universidade é o “produtivismo acadêmico” (Sguissardi, 2009; Silva Junior, 2009; Bianchetti, 2009), que faz com que alguns estudantes, por conta das muitas atribuições e atividades que envolvem a dinâmica da carreira universitária, não sejam produtivos e, como consequência, não sintam falta da universidade, como pode ser observado na resposta do estudante 133, diante da pergunta acerca de como a ausência da vida acadêmica presencial na universidade afeta a sua rotina: *“Não afetou, a única coisa que mudou foi que sobrou mais tempo de disponibilidade”*.

Por outro lado, observa-se “o produtivismo da universidade”, através da resposta do estudante 28: *“A vida universitária requer pesquisa, orientação e sobretudo debates. E passar esses momentos sem ir ao Campus compromete parcialmente a formação acadêmica, sendo algo que altera o dia a dia de um acadêmico”*.

Na modalidade de ensino intensivo as aulas são durante a manhã, a tarde e a noite, nos meses de janeiro, fevereiro, julho e agosto, compreendendo o calendário acadêmico nos períodos 01 e 03. Esse período de aulas intensivas tem as suas especificidades. A rotina é bastante corrida dentro e fora da universidade. Sobre esse aspecto, o estudante 11 relata, acerca do estudo no período intervalar: *“ainda não fui afetado com relação às atividades acadêmicas, mas tenho a certeza que serei adiante”*. Por não ser o seu

período de aula, tendo em vista que a pandemia se agravou no momento em que não está presente no polo, o referido estudante revela que será afetado futuramente.

Acerca da modalidade de ensino extensivo, que corresponde aos períodos 02 e 04 do calendário acadêmico, o estudante 138 relata:

Afetou a minha rotina no início, no sentido de falta de programações. Como estudo pela manhã, sem aula, comecei a acordar tarde e não realizar nenhuma atividade e nem leituras. Agora já me centrei de certa forma e já consegui me planejar, ter horários para estudar e atividades físicas.

Enquanto uns conseguem continuar com os seus estudos em casa, outros não têm a mesmas facilidades, por várias questões, como visto nos capítulos anteriores. O estudante 59, por exemplo, explicita: “*Afeta de forma parcial. Aproveito esse tempo de isolamento para ler e estudar em casa assuntos que estão ligados ao meu curso. Todavia vale sempre ressaltar que as aulas presenciais são cruciais e não deixam de fazer muita falta*”. Por sua vez, o (a) estudante 44 afirma:

A universidade é o local onde também estabelecemos nossas relações sociais, essa ausência acadêmica, combinada com o medo, angústia, ansiedade e incertezas, provocadas pela pandemia afeta o desempenho físico e mental que antes tínhamos. Eu, particularmente, não me sinto motivada para realizar atividades acadêmicas, até porque as circunstâncias não são favoráveis para todos, as aulas online têm sido uma opção, porém nem todos possuem acesso a uma boa conexão com internet, que é o meu caso, desse modo, fica difícil acompanharmos as discussões com colegas, professores e orientadores.

Nesse sentido, destaca-se que a universidade tem um papel fundamental na formação social dos sujeitos. A ausência da vida acadêmica vem afetando a saúde e o desempenho desses estudantes, no ensino, na pesquisa e principalmente na extensão. O processo educativo de tais sujeitos estabelece o seu posicionamento político e, conseqüentemente, uma concepção de universidade. Saviani (1999) afirma que é preciso considerar a existência de uma relação interna, isto é, “toda prática educativa, enquanto tal, possui uma dimensão política assim como toda prática política possui, em si mesma, uma dimensão educativa” (Saviani, 1999). Para tal, os modos com que a pandemia afeta os sujeitos se relacionam ao seu modo de vida e status na sociedade. É notório que as classes menos favorecidas tendem a sentir os impactos mais profundos dentre as suas relações sociais, e que os estudantes, por serem, em sua maioria, de baixa renda, sentem os impactos na sua rotina de estudos, não só na construção de conhecimento, mas nas suas relações sociais dentro do universo acadêmico, o que proporciona a sua formação acadêmica e social.

Essa ausência da universidade na rotina dos discentes, da troca de experiências com os outros estudantes e com os professores, e da dinâmica social no processo de construção de uma sociedade que pesquisa intervém de forma significativa na realidade para a transformação social, sem deixar de lado os saberes acumulados por esses sujeitos. Segundo Brandão (2003),

Construção de saberes não tem aqui nada de etéreo ou exagerado. Não tem a ver com deixar de lado todo conhecimento culturalmente acumulado e “partir do zero” em busca de “outros saberes”. Tem a ver com a ideia de que toda atividade por meio da qual os professores e estudantes se lançam a fazer perguntas e buscam, juntos, as respostas, saindo da transferência de *conhecimento conhecido* para uma procura ativa e recíproca de *conhecimento a conhecer*, representa a vivência de criação de saberes. (Brandão, 2003)

Nesse sentido, a construção do conhecimento, assim como a construção de uma concepção de universidade, perpassa por uma vivência e experiência que os estudantes adquirem. Dentre o seu histórico e acúmulos culturais, pode-se destacar a universidade como uma propulsora do viés práxiológico na construção dos conhecimentos. A afirmação do (a) estudante 03 demonstra que esse movimento é de suma importância no processo formativo, o que vem sendo afetado pela pandemia:

Diretamente, (a pandemia) vem afetando na produção de conhecimento, na formação e comunicação social. Para efetivar os estudos de forma coesa faz necessária a mediação do professor. Nesses modelos nós estudantes ficamos de algum modo “perdidos” em busca de estudar algo e não saber como ou de que maneira fazê-los diante das fontes e explicações, no mais é aquela “coisa”, como saber se estamos certos ou errados sem a comunicação adequada com os professores?

Isso demonstra a importância da vivência na academia e na universidade, a fim de gerar o conhecimento através da pesquisa, das relações sociais, do ensino e dos projetos extensionistas, da troca de informações que possam gerar a consciência de classe e o entendimento de que a função social da universidade é a transformação da realidade para melhor, ou seja, em uma sociedade com mais equidade, que pesquisa as problemáticas procurando soluções para a melhoria dos aspectos políticos, econômicos, educacionais, culturais e sociais da região onde está instaurada, considerando os estudantes em diversos ambientes, o que, ao se retornar os resultados da pesquisa através de projetos de intervenção, gera mais conhecimento por meio de suas práticas.

Vale destacar que a interiorização da vida acadêmica, ocorrida nos polos, tem suas especificidades. Primeiro, no que se refere às dinâmicas estruturais e organizacionais da vida de docente e dos discentes que dela fazem parte; segundo, no que se refere às ofertas dos cursos, onde há uma especificidade singular com relação ao modelo em que é ofertado, caracterizando como intensivo aquele que tem uma especificidade própria.

Para Coelho (2008),

A Política de Interiorização da UFPA é marcada pelo desafio de expandir o ensino superior em áreas fortemente marcada pela presença do rio e da floresta. Esse cenário está em constante afronta às dificuldades de acesso, ao sacrifício e imprevistos da viagem que, a todo momento, acompanha a trajetória e caminhada rumo à graduação. (Coelho, 2008).

Nesse sentido, a universidade vem desenvolvendo a sua função social desde a incorporação da interiorização e desde o ingresso de seus discentes, agrupando várias maneiras de possibilitar o acesso e a permanência de qualidade ao processo formativo, desenvolvendo, assim, uma formação na

perspectiva da integralidade, englobando não apenas o ensino, mas entrelaçando-o com a pesquisa e a extensão, que são o tripé da universidade e fundamentais para a formação unilateral do indivíduo, assim como possibilitam um contato mais próximo com a realidade e com demandas da sociedade, extrapolando, assim, os muros das universidades e chegando até as comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função social da universidade na região do Baixo Tocantins se materializa no esforço histórico de interiorização, de encarar o desafio de construir estratégias de concretização da indissociabilidade, por meio de instrumentos de planejamentos que buscam articular as ações da universidade com a dinâmica da região.

As estratégias de planejamento e gestão das atividades administrativas e de ensino, pesquisa e extensão imprimiram um modelo de gestão baseado na transparência e no diálogo com as demandas da sociedade local. Hoje, o Campus Universitário do Tocantins – Cametá expressa diretrizes no PDI e no PDU, que se materializam no PPC dos cursos, na perspectiva do desenvolvimento da instituição na região.

Com isso, considera-se que a ausência da ambiência acadêmica presencial na vida dos sujeitos envolvidos tem impactos em todas as dimensões e, principalmente, nas instituições que se constituíram pela interiorização. Diga-se, ainda, que tem impactos muitos maiores, tendo em vista as especificidades da Amazônia Tocantina e do Baixo Tocantins, assim como as características dos estudantes que fazem parte dessas instituições e polos. Tal ausência impacta na rotina de cada discente, principalmente no processo de formação, uma vez que muitos dos sujeitos não possuem meios para concretizar o ensino e a aprendizagem frente à pandemia, o que vem exigindo a reformulação de uma maneira de pensar e se posicionar.

Vale destacar que a construção de uma universidade forte, interiorizada e comprometida com a sua função social na região não depende unicamente de fatores internos, derivados de estratégias de planejamentos administrativos ou acadêmicos no âmbito da formação e da pesquisa, ensino e extensão. Depende, de outro modo, de uma luta histórica pela democratização da sociedade, assim como pelo financiamento público da educação em todos os seus níveis.

A universidade precisa de financiamento público para continuar cumprindo a sua função social, que é socializar e produzir ciência e tecnologia, além de continuar formando os profissionais que a sociedade o exige.

REFERÊNCIAS

- Amaral GTP (2017). *A Gestão Superior da Universidade Federal do Pará no contexto do PDI*. Belém- Pará.
- Araújo RML (2013). Universidade e trabalho: a função social da educação frente ao mundo do trabalho. *Revista Margens*, 7: 161-178.
- Bianchetti L, Sguissardi V (2009). *Dilemas da pós-graduação: gestão e avaliação*. Campinas: Autores Associados.
- Borda OF (1981). Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: Brandão, C. R. (org.) *Pesquisa Participante*. São Paulo, Brasiliense.
- Brandão CR (2003). 1940- A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através a pesquisa na educação / Carlos Rodrigues Brandão – São Paulo: Cortez.
- Cametá- Pará (2017). Campus Universitário do Tocantins/Cametá 2017 – 2020. Disponível em: <<http://www.campuscameta.ufpa.br/index.php/component/content/article?id=237>>. Acesso em: 06 de julho de 2020.
- Chauí M (2001). *Escritos sobre Universidade*. São Paulo: editora UNESP.
- Coelho IM (1996). Formação do educador: dever do Estado, tarefa da universidade. In Bicudo MA, Silva Júnior CAS. *Formação do educador*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Coelho MSC (2008). *Nas Águas o Diploma: o olhar dos egressos sobre a política de interiorização da UFPA em Cametá – PA*. Pontifica Universidade Católica de São Paulo PUC – SP. São Paulo. 332p.
- Gajardo M (1986). *Pesquisa participante na América Latina*. São Paulo: Brasiliense.
- Saviani D (1999). *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. Ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Sguissardi V, Silva Júnior JR (2009). *Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico*. São Paulo: Xamã.
- Silva JBC (2016). *Universidade e trabalho: uma análise das pesquisas de pós-graduação sobre trabalho na UFPA*. Belém – PA.
- UFPA (2015). *Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia - Licenciatura, do Campus de Cametá*. Resolução n. 4.699, de 19 de agosto de 2015. Universidade Federal do Pará. Cametá- Pará. Disponível em: <<http://www.ppc.proeg.ufpa.br/view/inicio/visitante.php>>. acesso em: 07 de julho de 2020.
- UFPA (2016). *Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional*. Anuário Estatístico 2016- Ano Base 2015 / UFPA. Belém. Disponível em:<http://www.proplan.ufpa.br/doc/Anu%C3%A1rio_2016_AB2015_versaofinal14092016.pdf>. Acesso em: 6 julho. de 2020.

SOBRE OS AUTORES

BENILDA MIRANDA VELOSO SILVA

Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação da UFMG (PPGE/FaE/UFMG). Mestre em Comunicação, Linguagem e Cultura (2012). Especialista em Informática e Educação pela Universidade do Estado do Pará (2004) e Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2003). Professora Substituta da Universidade Federal do Pará- UFPA - Faculdade de Educação/FAED 2013- 2015 e 2018-2020. Professora colaboradora no Plano Nacional de Formação de Professores PARFOR/UFPA- FAED-Cametá (2013-2020); Especialista em Educação da Rede Pública Estadual (SEDUC-PA). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação, Trabalho e Tecnologia (GETTE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá. Desenvolve pesquisa nas seguintes áreas: Educação, Tecnologia Educacionais, Tics e Cultura Ribeirinha, Educação a distância, Coordenação Pedagógica, Didática e formação Docente;

BRUNO HENRIQUE SILVA DA SILVA

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá. Voluntário no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE). Bolsista de extensão no programa Conexões de Saberes. E auxiliar na Assistência Estudantil da UFPA/CUNTINS Cametá (atual).

CHELIANE ESTUMANO GAIA

Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Colaboradora no grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá. E bolsista de Extensão/Eixo Transversal no projeto intitulado: Cursinho Popular Paulo Freire: uma construção coletiva e solidaria para o acesso à universidade, sob coordenação do Prof. Dr. João Batista Do Carmo Silva (2019-2020).

DORIEDSON DO SOCORRO RODRIGUES

Doutor em Educação (UFPA, 2012). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará (2005). Especialista em Língua Falada e Ensino do Português (2001) – PUCMG. Graduado em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (1992) e em Letras (habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará (1999). Professor adjunto III da Universidade Federal do Pará. Coordenador do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (Atual). Ex-vice-coordenador do Campus Universitário do Tocantins/Cametá - UFPA (2006-2013). Ex-coordenador da área de Língua Portuguesa PARFOR da UFPA (2012-2015). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na

articulação entre Variação, Letramento, Educação, Movimentos Sociais e Política Linguística. Pesquisador na área de Trabalho, Educação e Movimentos Sociais, discutindo formação/qualificação dos trabalhadores, tanto em contextos informais como enquanto políticas públicas, bem como o trabalho como princípio educativo, saberes sociais e organização política dos trabalhadores no interior de atividades produtivas/culturais classistas na/da Amazônia. Pesquisa ainda: Juventude, formação e qualificação na escola básica; trabalho e formação de trabalhadores na educação básica; saberes sociais e escolarização de trabalhadores da escola básica. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação – GEPTE, Instituto de Ciências da Educação/UFPA, do Grupo de Pesquisa História, Educação e Linguagem Na Região Amazônica (GPHLRA), campus Universitário do Tocantins/Cametá. Coordenador do Projeto de Pesquisa Saberes do Trabalho da Pesca e Identidade de Juventude do Município de Cametá – Nordeste do Estado Pará, com financiamento pelo CNPQ – 2013-2016. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC - CAMPUS CAMETÁ/UFPA) e do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/ICED/ UFPA). Organizador dos livros Filosofia da Práxis e Didática da Educação Profissional, A Pesquisa em Trabalho, Educação e Políticas Educacionais, dentre outros. Organizador da Revista Trabalho Necessário, v. 16, n. 31 (2018): Trabalho e educação em comunidades tradicionais.

 **EGÍDIO MARTINS**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (2017). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará (2011). Especialista em Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e orientação escolar, pela Faculdade Internacional de Curitiba. Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2005). Professor Adjunto III da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTE). Coordenador do Projeto Trabalho e Educação: práxis educativa e saberes dos jovens estudantes a partir do programa Ensino Médio Inovador (PROEMI) em uma escola pública de Cametá. Na área Trabalho e Educação atua com os seguintes temas: o trabalho como princípio educativo, formação humana, juventude e ensino médio, saberes sociais, práxis política, educativa e produtiva nos espaços formais e não-formais e Movimentos sociais.

 **ERALDO SOUZA DO CARMO**

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (PPGED/UFPA, Linha de Pesquisa Políticas Educacionais. Mestre em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (UFPA/NAEA). Especialista em Planejamento do Desenvolvimento de Áreas Amazônicas (UFPA/NAEA). Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (CUNTINS/UFPA). Professor adjunto II da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), Vinculado a Faculdade de Educação. Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), atua na linha de Pesquisa: Políticas e Sociedades. Associado da Rede Latino Americana de Estudios Epistemológicos en Políticas Educativas; a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE); a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do & no Campo da

Amazônia (GEPECAM). Realiza pesquisa na área de Educação do Campo, com ênfase em nucleação, financiamento e transporte escolar. Coordena o projeto de Pesquisa: Mapeamento do transporte escolar do campo: um estudo sobre as formas de contratação, definições de rotas e condições de segurança dos alunos das escolas ribeirinhas do Município de Limoeiro do Ajuru no Estado do Pará. Coordenador da Especialização Práticas Pedagógicas na Educação do Campo.

 **FRANCIELY FARIAS DA CUNHA**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPA/Cametá), vinculada à linha de pesquisa sobre políticas e sociedades. Especialista em Gestão e Planejamento da Educação (FAED/UFPA/Cametá). Bacharel em Estatística (ICEN/UFPA/Belém) e graduanda do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia (FAED/UFPA/Cametá). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação do & no Campo da Amazônia (GEPECAM), do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá, atuando nas áreas de Estatística e Educação.

 **GILMAR PEREIRA DA SILVA**

Possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005); Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002); Especialização em História da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (1993) e graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (1992). Atualmente é Professor Associado IV e Vice-Reitor da Universidade Federal do Pará. Atua no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura-PPGEDUC (Mestrado) do Campus de Cametá e no EducaNorte (Doutorado em Educação na Amazônia). Tem experiência na área de Políticas Públicas Educacionais, com ênfase em Trabalho e Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Trabalho, Educação, Educação Profissional, Educação do Campo, Movimentos Sociais e Educação; Educação Superior e Educação e Desenvolvimento Regional. É associado as seguintes entidades Acadêmico-científicas: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED); Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC); Associação Nacional de Políticas e Administração da Educação (ANPAE). Coordenou o Campus do Tocantins/Cametá-UFPA (2006-2014) Foi Secretário Municipal de Educação no Município de Cametá- Pará.

 **JOÃO BATISTA DO CARMO SILVA**

Doutor em Educação na linha de Políticas Públicas Educacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (2016). Mestre em Educação pela UFPA (2009). Especialista em Educação Ambiental pela UFPA (2004). Pedagogo pela UFPA (2003). Professor adjunto II da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), vinculado à Faculdade de Educação. Eleito para a Direção da Faculdade de Educação do Campus de Cametá – UFPA para o período de 2017-2019 e reeleito para o período de 2019-2021. Já atuou como Coordenador Pedagógico na SEMED – Cametá (2003-2004), Coordenador do Campus Universitário do Tocantins – Cametá - UFPA (2004-

2006) Coordenador de Integração Regional (COINTER) da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) - (2008-2010), Coordenador de Área da Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência -PIBID (2012-2013) (2020-2021), Coordenador Local do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR – Campus de Cametá – UFPA (2016-2017), Professor-orientador do Programa Residência Pedagógica (2018-2020). Coordenador do Curso de Especialização Gestão e Planejamento. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPTU–UFPA), Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. Membro da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Coordena o projeto de Pesquisa: "DA ESCOLA PÚBLICA À UNIVERSIDADE PÚBLICA: acesso e permanência nos cursos de graduação do Campus de Cametá – UFPA". Coordena o projeto de Extensão "Programa de Formação de Conselheiros Escolares das Escolas Públicas de Ensino Médio da Região do Baixo Tocantins" e o Projeto de Extensão "Cursinho Popular Paulo Freire: uma construção coletiva e solidária para o acesso à universidade". Realiza pesquisa na área de Trabalho e Educação, Universidade, Gestão da Educação Básica e Superior e Educação Popular. Autor do livro "Universidade e Trabalho na Amazônia" e organizador dos livros "Ensino Médio Integrado na Amazônia: Entre o investido e o desinvestido", "PARFOR: Práxis Amazônicas na formação de professores da Educação Básica", entre outros.

MADSON JESUS FARIAS TRINDADE

Formação Profissional de Assistente Administrativo, certificado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Departamento Regional do Pará (2018). Prática em Ambiente Laboratorial ou Empresarial na Construtora e Incorporadora RESECOM (2018), como Jovem Aprendiz e Assistente Administrativo na área de Fundamentos de Administração de Recursos Humanos, Organização e Arquivamento, Planejamento e Organização do Trabalho. Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTTINS Cametá.

MARLANJE SOLENE FERREIRA

Formação profissional de Técnica em Enfermagem pelo Instituto César Melo/Cametá (2011). Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Bolsista de pesquisa pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (2018-2019). Bolsista de extensão pelo Programa Navega Saberes/Infocentro (2019-2020). Bolsista do Projeto de Extensão intitulado: Programa de Formação de Conselheiros Escolares das Escolas Públicas de Ensino Médio da região do Baixo Tocantins, vinculado ao Programa Navega Saberes/Infocentro, sob coordenação do Prof. Dr. João Batista do Carmo Silva (atual). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho, Tecnologia e Educação (GETTE) e do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTTINS Cametá.

 **RUTH LISBOA PANTOJA**

Graduada em Alimentos pela Universidade do Estado do Pará (UEPA, 2014). Pós-graduada em Gestão da Segurança de Alimento (2017) pelo SENAC. Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá. E integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Universidade na Amazônia da UFPA/CUNTINS Cametá.

ÍNDICE REMISSIVO

A

acadêmico, 15, 18, 21, 26, 27, 31, 34, 41, 42,
46, 47, 50, 89
atividade, 7, 10, 13, 19, 47, 48, 62, 71, 73, 81,
91, 98, 99

C

Cametá, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19,
20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31,
32, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 44, 49, 50, 51, 52,
53, 55, 56, 57, 59, 60, 62, 64, 66, 71, 74, 75,
77, 78, 79, 80, 82, 84, 88, 91, 94, 95, 96, 99,
100, 105, 106, 107, 108
contradição, 54
coronavírus, 6, 13, 15, 18, 52, 53, 54, 55, 57,
58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 74, 75, 76,
77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 100
crise, 8, 9, 10, 17, 18, 24, 53, 54, 55, 57, 61, 62,
63, 64, 65, 67, 74, 78, 79, 80, 84, 85, 87, 90
culturais, 7, 8, 10, 15, 17, 20, 21, 26, 34, 48, 68,
89, 90, 96, 97, 98, 101, 103, 106
CUNTINS, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15, 52, 55, 56,
57, 59, 60, 64, 66, 82, 105, 106, 107, 108

D

desafio, 48, 49, 62, 65, 89, 93, 95
desafios, 6, 7, 8, 14, 15, 26, 29, 32, 37, 64, 74,
75, 77, 82, 85, 89, 100
desigualdade, 10, 26, 66, 72, 74, 79, 80, 89, 93

E

estudante, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 67,
92, 93, 94, 95, 98

F

função social, 15, 29, 35, 36, 37, 39, 40, 45, 48,
49, 50

I

impacto, 51, 58, 72, 80, 89
implicações, 7, 8, 10, 13, 14, 15, 18, 35, 51, 52,
56, 57, 59, 63, 65, 68, 74, 79, 84, 87, 88, 98,
102
internet, 14, 24, 30, 31, 40, 47, 63, 76, 89, 92,
93, 94, 95, 96, 97, 99, 103
isolamento social, 6, 7, 10, 13, 14, 15, 18, 19,
45, 52, 54, 56, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 75,
76, 81, 82, 83, 84, 88, 89, 90, 92, 98, 100, 102

P

pandemia, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 18, 19, 22, 35,
40, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55,
56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68,
69, 72, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84,
86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 96, 98, 99, 100,
101, 102, 104
pedagogia, 6, 13, 14, 17, 20, 22, 35, 41, 42, 45,
51, 68, 71
pesquisa, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 15, 18, 19,
21, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 35, 37, 39, 41, 42,
43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 56, 57, 60, 61,
62, 63, 64, 66, 67, 74, 75, 77, 78, 80, 82, 84,
88, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 104, 105, 107, 108
políticas públicas, 13, 14, 15, 16, 18, 27, 28, 51,
52, 53, 54, 55, 56, 65, 67, 68, 69, 76, 80, 96,
104, 106
processo formativo, 15, 17, 18, 19, 27, 30, 31,
35, 36, 39, 45, 48, 60, 88, 89, 90, 91, 93, 97,
98, 99, 100, 101, 102, 103

R

recursos tecnológicos, 15, 89, 91, 93, 101, 103
renda, 10, 13, 14, 15, 18, 25, 46, 47, 54, 55, 61,
66, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 80, 81, 83, 84,
85, 86
rotina, 6, 7, 13, 15, 22, 35, 36, 43, 44, 45, 46,
47, 49, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 83, 91, 100

S

saúde, 10, 15, 17, 18, 19, 24, 46, 47, 51, 52, 53,
54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 68, 69, 70,
72, 75, 76, 78, 81, 83, 85
sociedade, 6, 7, 8, 9, 13, 14, 17, 18, 21, 25, 36,
37, 38, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 52, 53, 54,
57, 60, 64, 67, 68, 73, 85, 89, 97, 104
socioeconômico, 14, 17, 18, 31
socioeducacional, 8, 64, 84

T

tempo, 6, 8, 16, 17, 19, 21, 22, 24, 27, 40, 42,
43, 44, 46, 47, 65, 73, 74, 80, 81, 83, 93, 94,
97, 100, 101

U

UFPA, 8, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23,
24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36,
37, 38, 40, 42, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 59,
60, 61, 62, 64, 66, 71, 75, 77, 78, 79, 80, 82,
99, 102, 105, 106, 107, 108
universidade, 6, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 18, 19,
21, 22, 27, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39,
40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 63,
64, 80, 85, 91, 95, 97, 98, 102, 105



ID **JOÃO BATISTA DO CARMO SILVA**

Doutor em Educação na linha de Políticas Públicas Educacionais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPA (2016). Mestre em Educação pela UFPA (2009). Especialista em Educação Ambiental pela UFPA (2004). Pedagogo pela UFPA (2003). Professor adjunto II da Universidade Federal do Pará - Campus Universitário do Tocantins (CUNTINS), vinculado à Faculdade de Educação. Eleito para a Direção da Faculdade de Educação

do Campus de Cametá – UFPA para o período de 2017-2019 e reeleito para o período de 2019-2021. Já atuou como Coordenador Pedagógico na SEMED – Cametá (2003-2004), Coordenador do Campus Universitário do Tocantins – Cametá - UFPA (2004-2006) Coordenador de Integração Regional (COINTER) da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) - (2008-2010), Coordenador de Área da Pedagogia do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência -PIBID (2012-2013) (2020-2021), Coordenador Local do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR – Campus de Cametá – UFPA (2016-2017), Professor-orientador do Programa Residência Pedagógica (2018-2020). Coordenador do Curso de Especialização Gestão e Planejamento. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPT-UFPA), Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Universidade na Amazônia. Membro da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Coordena o projeto de Pesquisa: "DA ESCOLA PÚBLICA À UNIVERSIDADE PÚBLICA: acesso e permanência nos cursos de graduação do Campus de Cametá – UFPA". Coordena o projeto de Extensão "Programa de Formação de Conselheiros Escolares das Escolas Públicas de Ensino Médio da Região do Baixo Tocantins" e o Projeto de Extensão "Cursinho Popular Paulo Freire: uma construção coletiva e solidária para o acesso à universidade". Realiza pesquisa na área de Trabalho e Educação, Universidade, Gestão da Educação Básica e Superior e Educação Popular. Autor do livro "Universidade e Trabalho na Amazônia" e organizador dos livros "Ensino Médio Integrado na Amazônia: Entre o investido e o desinvestido", "PARFOR: Práxis Amazônicas na formação de professores da Educação Básica", entre outros. Contato: jbatista@ufpa.br.

ISBN 978-658831907-9



Pantanal Editora

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)
<https://www.editorapantanal.com.br>
contato@editorapantanal.com.br